



FOLHA INFORMATIVA Nº17-2011

DORES E MALEITAS DOS PESCADORES

À memória de Jorge Reis – meu mestre de letras



A Senhora Dr.^ª Lurdes Véstia teve a amabilidade de me enviar um resumo do seu trabalho de investigação, em co-autoria com o Dr. Emídio Rafael, estudo em que os autores se debruçam sobre o acervo documental do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, com especial incidência nos internamentos dos indivíduos originários das comunidades de pescadores migrantes do Tejo – os avieiros!

Ao seu estudo atribuíram os autores o título: **Avieiros – Dores e Maleitas!**

Avieiros – Dores e Maleitas! – Perdoem-me os autores o plágio! Que melhor introdução poderíamos desejar, quando

falamos aqui da celebração da cultura costeira e dos pescadores?

Os pescadores, no seu todo, formam um mundo singular, diversificado, um universo recheado de muitos mundos, comunidades gregárias reservadas e pouco permeáveis aos estrangeiros, desde sempre marcadas por um forte espírito de auto marginalização social, mas com um apego extraordinário a um arreigado e entranhado sentimento de classe.

Anacharsis, um dos sete sábios da Grécia antiga, dividia os homens em três espécies: **os vivos, os mortos, e os que andam embarcados sobre as águas do mar!**





É desses homens que falamos neste projecto de candidatura da **Cultura Avieira a Património Nacional**, dos **que andam embarcados sobre as águas do mar**, os pescadores das Artes da nossa costa atlântica, das suas mulheres, das suas famílias, de gerações de pobres ciclicamente condenados á indigência e à fome, à emigração para o mar do Tejo, pobres entre os pobres, os mais pobres dos pobres.

Dores e Maleitas!... Os pescadores das nossas praias atlânticas, carregaram aos ombros gerações de dores e maleitas, de espírito e de alma, escondidas no remanso silencioso dos livros de assentos das paróquias dos nossos litorais.

Pescadores da Praia de Mira – Museu Etnográfico da praia de Mira

No âmbito da investigação que realizamos para o CEMAR, numa resumida viagem pelos arquivos paroquiais da costa centro atlântica, entre Mira e Vieira de Leiria, como traduzir em palavras, as dores de dezenas e dezenas de pescadores de Buarcos, pescadores do alto, raptados por piratas mouros e falecidos no cativoiro, em Argel, Tunes, Salé, Alexandria?

Registam os Vigários de S. Pedro de Buarcos, a partir de 1602, uma quantidade incrível de pescadores falecidos no cativoiro, deixados morrer à fome pela mourama, sofrendo mil tormentos, por impossibilidade financeira das famílias os resgatarem ...

- A 3 de Agosto de 1616 vieram novas faleceu em terra de mouros onde estava captivo António Roiz d’Aveiro... Pero Esteves... Cristovão Lobo... Marcos Lopes...Manuel Neto...Lázaro Lopes.

- Registou o Cura de Redondos: Aos 24 dias do mês d’Agosto de 1629 levarão os mouros de dous barcos captivos 31pessoas destas villas de Buarcos e Redondos...

«Pedreannes mata mouros d’alcunha morreo no mar captivo dos mouros ou pêra melhor o matarão os mouros na preza que da gente do barco fizerão em Janeiro de 633»...

- Aos 17 de Setembro de 635 annos se virou hum barco na costa fugindo dos mouros...



- A 30 de Março de 639 cativarão os mouros hum barco com 15 pessoas destas villas de Buarcos e Redondos...

Ao longo dos séculos, os nossos pescadores foram pau para toda a obra ...

Quantos morreram nas armadas da Índia? Em batalhas que a história não assinalou, mas que os curas de Buarcos e Redondos metodicamente registaram, nos ofícios celebrados em memória dos seus fregueses, mortos em assaltos dos holandeses aos nossos galeões que regressavam ao reino carregados de riquezas. Mortos nas Armadas de Castela durante a ocupação filipina...

Em 1614, naufragou uma Nau que vinha do Brasil, morrendo 14 pescadores de Buarcos... em 1619 outros tantos em outra Nau... em 1625 na perdição da Nau de Gaspar Ayres, de Buarcos...

No súbito temporal de 30 de Abril de 1674, seis barcos do alto não conseguiram arribar, tendo-se perdido dois, cujas tripulações se perderam, com perdas de dezenas de vidas...

Em 15 de Outubro de 1732, outro temporal repentino que durou 24 horas, apanhou cinco barcos de pesca no mar, tendo arribado dois no dia seguinte, e miraculosamente salva a tripulação de outro que naufragou na costa do Sul, ou Costa de Lavos. Dos outros dois, um desapareceu sem deixar rasto, com 27 pescadores a bordo; outro naufragou na Praia do Pedrogão, tendo escapado com vida quatro homens e um rapaz, morrendo vinte pescadores...

O turista que hoje veraneia em Buarcos, e passeia despreocupado sobre as penedias gémeas



perpendiculares ao areal que a maré baixa deixa a descoberto, frente às muralhas do forte, não sonha quantas vidas se perderam nesse local; que essas penedias, eram denominadas “as portas”, a temível entrada do antigo porto de Buarcos, onde em dias de mar bravo, até alguns experientes arrais não conseguiram evitar a tragédia. E tantas vidas ali foram ceifadas pelo mar que seria fastidioso enumerá-las aqui...

Praia de Buarcos. Penedias perpendiculares ao areal. Foto de Dias dos Reis



E se a pesca do alto – e falámos apenas dos pescadores de Buarcos – é um oceano de dores, que palavras coligir para falar dos mais pobres dos pobres,... os pescadores das Artes?

Os míticos ascendentes dos avieiros, iniciaram o “*Descobrimento Marítimo de Portugal*” como o Sr. Professor Alfredo Pinheiro Marques se refere à diáspora dos pescadores das Artes para Sul, ou seja, a radicação das primeiras comunidades de pescadores das Artes nas praias dos litorais a Sul da Ria de Aveiro, por meados da segunda metade do século XVIII, com a costa liberta da pirataria, ou pelo menos mais protegida.

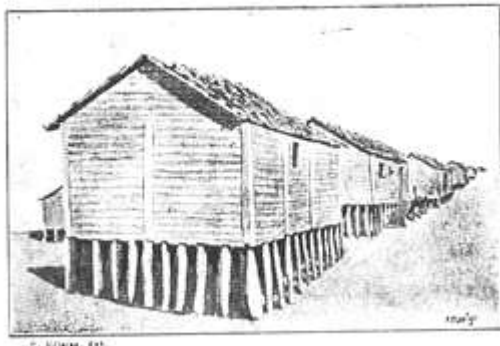
Por finais da década de 1780 surgem na Praia de Quiaios, ainda a norte do cabo Mondego, os primeiros registos de naturais da freguesia de S. Salvador de Ílhavo.

Eram pobres, como os registos sugerem, pois em 1891, faleceu em Quiaios “ *hum homem pobre que veyo da Villa de Ílhavo chamado Jozé...*”.

Em 10 de Setembro de 1892, são registados os óbitos de “*Manuel, de Ílhavo*” e “*José Apolinário, de Ílhavo e assistente em Quiaios*”. O facto de serem enterrados sem Sacramentos, indicia a presumível morte no mar.

Mas é a Sul do Mondego, na Costa do Couto de Lavos, que os ílhavos iniciam a sua maior odisseia atlântica: a fundação da povoação dos palheiros da Cova.

A fundação da Cova foi até há bem pouco tempo, erradamente, atribuída por sucessivos autores a José



da Silva Barreto, erro crasso que a investigação cronológica nos permitiu erradicar de vez, pois José da Silva Barreto só abandonou a Costa Nova do Prado cerca de 1808, altura em que efectivamente emigrou para a Cova de Lavos, onde contraiu matrimónio com uma filha de Hermenegildo Nunes Mau, um dos primeiros ílhavos a estabelecer-se na Cova.

Palheiros da Cova. In: <http://outramargem-visor.blogspot.com/2007/10/palheiros-na-cova-gala.html>

Os ílhavos estão documentados na Cova de Lavos desde pelo menos 1780. Inicialmente, um grupo de homens solteiros, com os apelidos Mau, Pata, Silva, Arrais, Chuva, Pimentel, Pereira, Samagaio, a maioria dos quais casou com mulheres locais, de famílias provavelmente já ligadas às artes velhas, a

pesca com os chinchorros, artes referenciadas nas memórias paroquiais de 1758 da freguesia de Quaios.



1808: Vieira de Leiria inscrevia-se no mapa como "Avieira"

In: http://purl.pt/6302/1/cc-1226-r.JPG/cc-1226-r.JPG_24-C-R0100/cc-1226-r_0001_1_p24-C-R0100.jpg

O povoamento da praia da Vieira, é seguramente contemporâneo desse movimento. A cartografia só em 1807 regista um assento de barracas para pescadores. A falta de assentos paroquiais, destruídos por ocasião da 3ª Invasão Francesa, também não permite dados concretos. Contudo, nos assentos de óbitos da freguesia de Lavos, vamos encontrar três assentos de óbitos, datados de 27, 28 e 29 de Fevereiro de 1776, nos quais o prior informa que celebrou "*hum nocturno por alma...*" de cada um dos indivíduos, «... *afogado no mar na praia da Vieira Bispado de Leiria...*». Estamos aqui, perante a presumível marca da antiguidade da pesca com Artes grandes na Praia da Vieira, realidade que surge bem documentada em firme, através de dois dos poucos assentos anteriores a 1810 que escaparam à sanha dos franceses.

Em matrimónio realizado na Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, matriz da Vieira de Leiria, em 2 de Outubro de 1803, Manuel de Sá, filho de Manuel de Sá e Bernarda de Miranda, naturais do Cruzeiro de baixo da Vila de Mira, consorcia-se com Jacinta, filha de José Lourenço e Mónica Joaquina.

Estamos aqui perante linhagens firmes de pescadores: os Mirandas de Mira, que vamos encontrar também nas companhias da Tocha e da Cova, e os Lourenços e Mónicas, típicos da antroponímia da

Praia da Vieira. Uma das testemunhas, ou padrinhos, deste matrimónio, João Domingues da Mónica, morreu em Março de 1811, em Buarcos, onde se refugiara por ocasião da Invasão.

Quatro dias depois, a 6 de Outubro de 1803, no matrimónio celebrado entre Fernando Pereira, filho de Luís Pereira Bolha e Angélica Maria, o prior anota que os progenitores do noivo são naturais de Ílhavo «**de onde o noivo veio com 3 anos...**».

Esta preciosa informação permite constatar que esta família de ílhavos ter-se-á instalado na Vieira de Leiria ainda **nos finais da década de 1770**, ou **primeiros anos da década de 1780**, podendo com alguma segurança datar-se o início das pescas com Artes grandes na Praia da Vieira no decurso do último quartel do século XVIII, o que leva a supor que os naufragos registados em 1776, apesar de naturais da freguesia de Lavos, estariam a pescar incorporados numa Companhia instalada na Praia da Vieira.

Mal iniciado o século XIX, a 3ª Invasão Francesa provocou a maior catástrofe humana de que há memória na região de Leiria, tendo morrido às mãos dos franceses, ou por doença, mais de 29.000



personas do Bispado de Leiria, quase metade da população. A freguesia da Vieira, que nos primeiros meses de 1810 contava um pouco mais de 1500 habitantes maiores, em Junho de 1811 contava apenas 715, menos de metade da população, tendo morrido 786 pessoas, das quais, 42 fuziladas ou assassinadas pelos franceses, e 744 de fome ou vítimas das epidemias.

A Batalha do Buçaco – In: <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/invasoes/bussaco00.html>

Com as colheitas destruídas e toda uma região á míngua, os pescadores da Praia da Vieira rapidamente se reorganizaram e no final do verão de 1812 já tinham 3 Companhas a ir ao mar, com a Companhia dos Velhos a naufragar em 20 de Novembro desse mesmo ano de 1812, tendo morrido 6 pescadores, entre eles o Arrais, António Panela, natural de Ílhavo.

O fim da Invasão marcou igualmente o afluxo de um forte contingente de emigrantes oriundos da região gandraesa de riba Mondego.

Dois aspectos principais, a nosso ver, estiveram na origem dessa deslocação. O primeiro prendia-se com o facto de o Bispado de Leiria, face à hecatombe populacional, precisar urgentemente de braços para reanimar a economia e reactivar a produção agrícola.



Os gandareses, reza um velho ditado, **basta-lhes casa onde caibam e terra quanta vejam!** Na freguesia da Vieira, e outras limítrofes, não faltavam casas vagas por morte de famílias inteiras e enormes extensões de terras abandonadas.

Contudo, esse fenómeno, pode também estar intrinsecamente associado, a uma questão que nos interessa particularmente, no âmbito da investigação sobre a antroponímia dos pescadores do litoral, e que o levantamento da população avieira internada no Hospital desta Misericórdia, nos obriga a rever.

E entramos assim no campo das **Maleitas!**

Na Gândara - aquele irregular triângulo geográfico, limitado a Sul por Quiaios e que a Norte vai quase até Vagos, limitado a nascente por uma linha que sobe de Arazede até Febres, tendo por epicentro a antiga freguesia de São João Baptista da Quintã, cuja igreja matriz desapareceu, nos arredores do Arraial de Nossa Senhora da Atocha, actual freguesia da Tocha, - na Gandara dizia, por finais do século XVIII e nas duas primeiras décadas do século XIX, estão registados índices de mortalidade verdadeiramente anormais.

Desde finais da década de 1780 até cerca de 1819, assiste-se a uma mortalidade infantil catastrófica. Morria-se de malina, presumivelmente cólera, de febre-amarela, mas também de lepra, bexigas, sezões ... e uma estranha doença que o Cura registou por **moléstia crónica**. Ao que se depreende dos assentos, a doença provocava uma paralisia progressiva dos membros inferiores e por vezes demência.

Estão registados ainda uma elevada taxa de nascimentos de crianças com atraso mental.



Na ocasião, porque não parecia nuclear para a minha investigação, limitei-me a trocar impressões com o meu médico, Dr. Augusto Mieiro, com larga experiência no combate a epidemias, em África, nos médicos sem fronteiras. Estamos perante várias hipóteses, não sendo de descartar, segundo ele, a poliomielite, vulgo doença dos pezinhos, **maleita** que segundo algumas fontes, teve uma expansão a partir da comunidade de pescadores da Cova de Lavos.

Alertou-me para esta problemática, a referência à **moléstia dos varinos** referenciada nos registos dos doentes do Hospital da Misericórdia de Santarém. Poderá existir um elo comum?

Foto publicada em: <http://pt-pt.connect.facebook.com/pages/Avieiros-do-Tejo/166803980011076>



Também, não deixa de ser curioso, o facto de duas das maleitas registadas na região gandraesa, serem posteriormente referenciadas na Vieira de Leiria da primeira metade do século XIX: a lepra e o pouco normal número de nascimentos de “párvolos”.



Após as primeiras décadas do século XIX, algo bonançosas, a população da Praia da Vieira foi atingida por uma avalanche de tragédias ao longo de toda a segunda metade do século.

Epidemias, anos contínuos de escassez de pesca que motivou fomes crónicas, mortes no mar – e recorde que só no século XIX, entre as praias de Vieira de Leiria e Mira, estão registados 14 grandes naufrágios com Campanhas das Artes – uma miséria avassaladora, uma imundície que motivava autentica pestilência e levou as autoridades sanitárias de Leiria, por duas vezes, a interditar a povoação; o abandono da praia pelos veraneantes, por causa do cheiro nauseabundo das estrumeiras de escasso; dois grandes incêndios, um dos quais, na madrugada de 21 de Outubro de 1885, devorou mais de cem barracas de pescadores; o rio Lis que derivou para Sul e levou dezenas de barracas de enxurrada para o mar; todo um cenário apocalíptico e miserável, forçando os mais pobres, a legião dos pescadores não matriculados, autentica mão-de-obra escrava, sem qualquer outro recurso de sobrevivência, a recorrerem á mendicidade ou a uma fuga em busca de pão noutras paragens.

Parecia ter-se abatido uma maldição sobre a Praia da Vieira! Uma maldição que levou muitos a emigrar para novas paragens e outros mares.

Eram pescadores, sabiam pescar ... conheciam as artes do mar... e o Tejo era fértil de sáveis e fataças... e muitos fizeram-se ao mar do Tejo ... e tornaram-se avieiros... e continuaram pobres!

A documentação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, regista os primeiros internamentos de pescadores naturais da Praia da Vieira, no ano de 1860. A partir dessa data, a documentação parece comprovar o incremento da migração da costa atlântica para o Tejo, primeiro de forma sazonal, e posteriormente com a fixação definitiva.

Ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas de XX, as condições de vida dos pescadores nunca melhoraram, pelo contrário. A degradação das condições de vida, levou-os a uma

pobreza extrema, crónica, tanto na costa como no Tejo, uma miséria que impressionava quem visitava as praias de pescadores.

A nossa literatura, especialmente a corrente neo-realista, regista relatos pungentes, bem reais, dessa legião de autênticos pobres de pedir, vestidos de andrajos, crianças desnudas, realidade que as objectivas fotográficas igualmente registam ainda pelos anos 50 e 60 do século XX.



Aquilino Ribeiro, o primeiro dos prosadores do nosso Neo-realismo, no seu romance *A Batalha Sem Fim*, publicado em 1932, que dedica ao seu amigo José Leal, do Coimbrão, em casa de quem esteve refugiado antes do seu 2º exílio, solicita ao amigo «... *um olhar piedoso para os párias do mar...*», os pescadores da Praia do Pedrogão. Aquilino Ribeiro regista a loucura colectiva que levou a população daquela praia, em 1903, a mudar-se para a Cova da Serpe, no interior do Pinhal do Urso, onde durante meses procederam á desmontagem de uma duna, procurando um lendário tesouro enterrado nas entranhas da areia, iludidos por um louco visionário crente nas bruxarias do Manuel das Uchinhas. O Ti' Man'el das Uchinhas, o bruxo do Grou, um lugarejo junto á Lagoa da Ervideira, perto da praia do Pedrogão, foi um personagem real e ainda hoje recordado na região, era natural da Gandara, dos arredores de Quiaios.

A gândara, génese primitiva da matriz antroponímica dos pescadores da Vieira, dos avieiros, era – e é ainda na actualidade! – terra de curandeiros e benzedeiros, de milagres e mezinhas, bruxas e lobisomens, que Carlos de Oliveira nos retrata em quadros magistrais nas suas obras.

O erudito escritor bandarês, no seu romance *“Casa na Duna”* fala-nos de uma panela de libras desenterrada por cavadores, afinal o ouro dos sonhos do Algodres da Praia do Pedrogão.

Em *“Alcateia”*, em escassas, mas notáveis meia dúzia de linhas de prosa magnífica, deslumbra o leitor com um quadro vivo da praia gandraesa e das suas gentes e bichos, ao sair a rede do mar.

Na praia do Lis, tiveram os pescadores da Vieira, em António Vitorino e José Loureiro Botas, os seus mais notáveis cronistas. Filhos da casa, nados e criados à beira do mar, desde meninos encheram os olhos com as tragédias, as fomes e as desventuras dos pescadores.

Voltando ao início deste texto e ao seu mote, **dores e maleitas**, que melhor representação de dores, que a obra de António Vitorino, na narração dos *“Naufregados do Salsinha”*, o naufrágio ocorrido em 1907,



tinha então o escritor 9 anos de idade, e assistindo em pessoa à passagem do imenso funeral com a longa fileira dos caixões dos pescadores a emergir do pinhal em direcção á Vila da Vieira, no meio do silencio esmagador dos milhares de pessoas de toda a região que acorreram à Vieira impressionadas pela tragédia, e o clamor dos gritos lancinantes das mulheres da praia que a guarda impediu de entrar na povoação ... ou no conto “**Maria do Rosário**” em que o escritor questiona Deus e o próprio direito à existência, nas palavras de Maria do Rosário, quando esta grita á velha mãe que a dor que lhe doía mais era a dor de ser pobre ... os pobres não deviam ter o direito de viver: Deviam morrer todos à nascença!



A Romeu Correia, outro nome maior do nosso neo-realismo, devem os pescadores da Costa da Caparica as suas páginas de glória... e de maleitas. Na sua obra maior, o romance **Calamento**, Romeu Correia deixou-nos páginas ímpares, hoje quase esquecidas, do eterno confronto entre o Norte e o Sul, ílhavos e algarvios, juntos mas divididos nas areias límpidas da Caparica, salpicada de meias-luas. A vida brota das artes da Ti' Palmira, por cujas mãos meia praia viu a luz do mundo...à sombra dos palheiros cobertos de colmo :« *tecto de colmo é vedação para qualquer estação*» porque a vida, para os pobres, é as mais das vezes “**Um Sábado sem Sol**”.

Alves Redol é o elo de ligação literário entre o Atlântico e o Tejo: em “**Uma Fenda na Muralha**” com os pescadores da Nazaré, e com “**Avieiros**” para o Tejo. Em “**Avieiros**”, encontramos o eterno dilema existencial, sempre marcado pela dor, logo nas primeiras páginas.

Porém, o sentido da dor, em Alves Redol , inverte-se, e o grito que ecoa pelos canaviais da Vala da Casa Branca não é de dor, é um grito de esperança na vida que ressoa a despertar a campina...

Com Alves Redol completa-se de alguma forma o ciclo descritivo literário do mundo dos pescadores das Artes, um ciclo que vai ser encerrado no contexto da literatura Neo-realista, nas páginas do último grande romance do nosso Neo-realismo.

Jorge Reis, meu querido e saudoso mestre de letras, ribatejano da beira Tejo, amigo pessoal de Alves Redol, de Carlos de Oliveira e de Romeu Correia, e o mais notável e profícuo estudioso e biógrafo Aquilino, foi autor do romance “**Matai-vos uns aos Outros**” publicado em 1961 e galardoado em 1963 com o Prémio Camilo Branco da Sociedade Portuguesa de Escritores.



Com o romance ***Matai-vos uns aos Outros*** prefaciado com mão de mestre por Aquilino Ribeiro, derradeiro agradecimento àquele que moveu céu e terra em sua defesa contra as feras do Tribunal Plenário, raivosas com a publicação de ***Quando os Lobos Uivam***, fecha-se verdadeiramente – na minha perspectiva - o ciclo Neo-Realista sobre os pescadores das Artes. O ciclo literário iniciado em 1932 com ***A Batalha sem Fim***, onde Mestre Aquilino Ribeiro regista o infortúnio e a indignação dos pescadores do Pedrogão durante a sua estância naquela praia no ano de 1925, vai encerrar-se em 1961, no final do segundo capítulo de ***Matai-vos uns aos Outros***, prefaciado pelo mesmo Aquilino que iniciara o ciclo três décadas antes, e agora encerrado pela pena e génio de Jorge Reis, aquiliniano emérito e escritor ímpoluto, meu mestre de letras e amigo insubstituível, a quem tanto fiquei a dever.

«Uma aragem fina punha tremores no rio onde uma bateira passava como meia-lua pousada ao de leve sobre a água. A tarde falecia, amena.»

Hermínio de Freitas Nunes / Santarém, 8 de Julho de 2011